



Comunidade de Aprendizagem

sonhando com uma escola nova



Samba de parceria: alunos, familiares e voluntários da Coelho Neto estão unindo força

FOTO: ANTONIO CARLO

O início de uma transformação

Antes de se tornar uma Comunidade de Aprendizagem, os educadores precisam ser sensibilizados. Veja como foi a experiência em três escolas do Rio de Janeiro

POR FERNANDO ANDRADE

FASES DE TRANSFORMAÇÃO
1- SENSIBILIZAÇÃO
2- TOMADA DE DECISÃO
3- O SONHO
4- SELEÇÃO DE PRIORIDADES
5- PLANEJAMENTO

Foi no ritmo da batucada do tradicional Carnaval de rua que uma escola de Ricardo de Albuquerque chamou a atenção dos moradores do bairro, na zona norte do Rio de Janeiro. A diferença é que essa escola não é de samba, é o Ginásio Experimental Carioca Coelho Neto.

E a bateria, composta de alunos, contagiou uma plateia muito singular, a vizinhança. Por ali, a ideia é diminuir a distância entre a escola e, digamos, a rua. Junto a outras duas escolas da rede pública da cidade, a instituição de ensino quer se tornar uma Comunidade de Aprendizagem.

“Queremos trazer a comunidade para dentro da escola. Para os grupos interativos, cada sala de aula vai precisar contar com cerca de oito voluntários”, conta Conceição Aparecida de Farias, professora de história e uma das responsáveis pelo trabalho na Coelho Neto. No caso, Conceição refere-se aos esforços que ela e seus colegas estão movendo em uma etapa de sensibilização para uma Comunidade de Aprendizagem, a primeira de muitas fases para transformar a escola em um espaço que promova a troca de conhecimentos e o aprendizado efetivo dos alunos.

Explicamos: a Comunidade de Aprendizagem é desenvolvida com base em estudo científico da Universidade de Barcelona, na Espanha. A pesquisa foi realizada em 14 países e apontou sete atuações educativas de êxito, que garantem melhora no desempenho acadêmico e na convivência. Os resultados dessa análise já foram incluídos

nas diretrizes e recomendações do Parlamento Europeu para superar o abandono da escola e a desigualdade na educação. Além da participação educativa da comunidade, estão na lista bibliotecas tutoradas, tertúlias dialógicas, formação de familiares, formação pedagógica dialógica, grupos interativos e prevenção de conflitos.

No Rio de Janeiro, uma parceria entre o Instituto Natura e a Secretaria Municipal de Educação vem ajudando Ginásios Experimentais Cariocas, escolas que reúnem alunos do 7º ao 9º ano em tempo integral, a implantar novas formas de pensar e agir.

O início de todo um longo processo de transformação começa com a etapa de sensibilização. Para entrar na empreitada, as escolas recebem um curso de formação com bases científicas e duração de 30 horas. Durante esse tempo, professores, gestores, pais e voluntários aprendem sobre o conceito de aprendizagem dialógica e sobre os resultados que esse tipo de trabalho tem alcançado em vários lugares do mundo.

“A equipe tem de acreditar no projeto. Tem de acreditar que é possível mudar, melhorar. A partir do contágio da direção da escola e dos professores, fica muito mais fácil motivar os pais também. Isso é algo que parte da escola para os pais e para a comunidade”, defende Mario Sérgio Mangabeira Júnior, coordenador de formação da Secretaria Municipal de Educação.

Segundo Mario Sérgio, outro ponto importante desse trabalho de sensibilização é o de tranquilizar os professores, acostumados com outras formas de ensino: “Todo mundo tem essa resistência inicial a fazer e pensar diferente. Muitos



Nas tertúlias literárias da Epitácio Pessoa, os alunos trocam opinião sobre os livros que leram

professores também acham que podem representar mais trabalho ou uma burocracia a mais. Entretanto, depois que eles começam a vivenciar e a observar o rendimento dos alunos, passam a acreditar nas atuações educativas de êxito”.

PROGRESSO MONITORADO

As Comunidades de Aprendizagem possuem o objetivo de levar excelência acadêmica às escolas. No GEC Epitácio Pessoa, no bairro carioca do Andaraí, sensibilizar para tais objetivos foi como um convite ao sonho — algo que, descobriu-se, todos estavam dispostos a fazer. “Nós convidamos os pais a sonhar com os alunos, a sonhar com a escola. E um dos sonhos que eles mais falaram foi o de participar de oficinas. Então, decidimos em um sábado que os responsáveis já viriam à escola oferecer a eles as mesmas eletivas que disponibilizamos aos estudantes. Eles tiveram diversas oficinas, como dança do ventre, maquiagem, culinária, ioga e artesanato. Essa participação é uma forma de atrair o responsável e mostrar tudo o que está sendo feito, para motivá-lo a participar

mais da vida escolar dos filhos”, lembra Carla Aída de Oliveira, diretora-adjunta do colégio.

Apesar de já apresentar bons resultados, a escola também enfrenta algumas dificuldades, principalmente para reunir pessoas com disponibilidade para colaborar com o trabalho desenvolvido. Assim como a Coelho Neto, os alunos e professores da Epitácio Pessoa também formaram um bloco e desfilaram pela comunidade do Andaraí. Na diversão, a mensagem: “Venha sonhar com a Epitácio”. Durante o trabalho de sensibilização, os pais foram convidados a participar de atividades no colégio.

A participação dos voluntários é importante em todas as etapas das Comunidades de Aprendizagem. Nos grupos interativos, por exemplo, os alunos são divididos em pequenos núcleos, onde realizam atividades em sistema de rodízio, com a presença de um colaborador, que serve como intermediador.

“O voluntário não precisa trazer conhecimentos matemáticos ou ensinamentos de língua portuguesa. Só a presença dele já traz a questão



A biblioteca tutorada é uma das atividades do GEC Bolívar

do afeto, já mostra ao aluno que ele acredita no que está sendo desenvolvido na escola”, afirma José Ricardo Estrela Pereira, professor de Matemática e Ciências.

A expectativa da direção da escola, que também conta com tertúlias literárias, é de ampliar a Comunidade de Aprendizagem em 2014. Os próximos passos são sensibilizar ainda mais os pais, alunos e voluntários para abrirem os grupos interativos para todas as séries que em 2013 estavam restritas a alunos do 9º ano e implementar a biblioteca tutorada.

As atividades devem exigir a participação de um número ainda maior de voluntários: “O grande nó que encontramos é a disponibilidade de tempo. Os pais, por exemplo, querem estar presentes, mas estão trabalhando no horário em que os filhos estão aqui. Poucos podem estar aqui no horário de aula, mas um pai que venha já faz toda a diferença, pois faz os alunos mudarem de postura e se torna um porta-voz dos que não podem vir”, avalia Carla Aída de Oliveira.

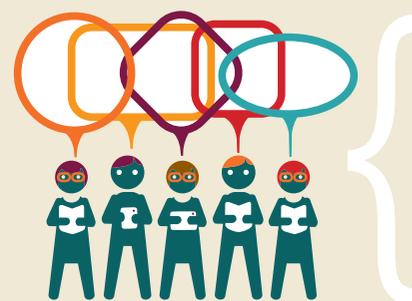
Sensibilizar para um processo de mudanças também fez parte do plano do Ginásio Experimental Bolívar, no bairro do Engenho de Dentro, a terceira escola que faz parte desse projeto piloto. Por lá, o projeto foi implantado em setembro de 2013. Além de tertúlias literárias e grupos interativos, os alunos também encontram bibliotecas tutoradas.

Apesar das novidades, as mudanças também foram bem recebidas por todos: “Os professores perceberam que não havia tanta diferença entre o que era proposto e o que já era a filosofia do GEC. Houve um pouco de preocupação com os grupos interativos, com relação à dinâmica e ao tempo. Mas, com o trabalho de capacitação e sensibilização, todos conseguiram entender que era uma forma diferente de trabalhar em grupos, ficando mais fácil perceber como deveria ser organizado”, conta a coordenadora pedagógica do GEC Bolívar, Jurany Maria Miguel.

Quer saber mais sobre os próximos desafios dessas três escolas? Acompanhe a próxima reportagem sobre as tomadas de decisão que esse grupo de educadores se prepara para realizar.

O primeiro passo para transformar

A sensibilização é a primeira etapa para uma Comunidade de Aprendizagem, segundo o modelo do Centro Especial em Teorias Y Prácticas (Crea) da Universidade de Barcelona Por Maria Vietes



QUALQUER CENTRO EDUCATIVO QUE QUEIRA SE TRANSFORMAR EM UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM, SEGUINDO O MODELO QUE PROPÕE O CENTRO ESPECIAL EN TEORIAS Y PRÁCTICAS (CREA) DA UNIVERSIDADE DE BARCELONA, DEVE PASSAR POR UMA SÉRIE DE FASES DE TRANSFORMAÇÃO. A PRIMEIRA DELAS É A SENSIBILIZAÇÃO, UM INTENSO CONTATO COM O PROJETO, QUE FORNECE MUITA LUZ A TODOS OS PARTICIPANTES. CONFIRA A SEGUIR OS ASPECTOS BÁSICOS DESSA FASE FUNDAMENTAL PARA O PROJETO.

O que é?

A sensibilização é um convite a sonhar, de modo fundamentado, um centro educativo melhor. Supõe uma ampla formação na qual se explicam as bases teóricas e científicas do projeto de Comunidades de Aprendizagem, construídas por meio de uma rigorosa investigação de mais de 30 anos. O nível de debate e de aprofundamento é muito alto, de modo a garantir que, se o projeto segue adiante, todos os seus participantes têm amplo conhecimento do mesmo. A sensibilização tem um forte componente de mobilização e esperança, mas sempre a partir das evidências empíricas que nos trazem a ciência sobre o que melhor funciona para atingir o êxito educativo.

Como se faz?

A formação é feita no próprio centro educativo, de maneira intensa, e dura 30 horas. É uma formação realizada pelo próprio Crea, ou por aquelas pessoas que fazem parte da rede de

formadores e assessores do projeto de Comunidades de Aprendizagem. No Brasil, tanto o Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (Niase), da UFScar, quanto o Instituto Natura oferecem essa formação. Nela se fala das Atuações Educativas de Êxito que o projeto desenvolve, de sua história e trajetória, de sua maneira democrática de organização. É uma formação que se faz sempre a partir do diálogo igualitário, ouvindo as vivências e as experiências de cada comunidade e construindo o significado de maneira conjunta com todos os seus integrantes.

Quem participa?

Toda a comunidade está convidada a essa formação! Fundamentalmente, assegura-se a presença de todo o corpo docente. É por isso que se buscam os momentos em que os docentes estejam no centro educativo, sem os alunos. São esses momentos de formação e/ou planificação que todos os sistemas educativos têm. Convidam-se também os familiares, alunos (especialmente

se são de cursos superiores) e outros agentes sociais interessados. Todos juntos formando-se, informando-se e decidindo sobre o futuro do centro educativo.

Para que serve?

Assumir que não há uma formação para os profissionais e outra para o resto da comunidade, dialogar, escutar e debater já é, por si só, transformador. Ajuda a derrubar os primeiros muros da escola. Com um forte conteúdo científico, ajuda também a detectar aquelas práticas, inércias e formas de atuar baseadas em ocorrências. A sensibilização serve para mostrar evidências científicas de quais são e de como funcionam aquelas atuações que têm demonstrado os melhores resultados para TODOS os alunos. Serve para começar a mudança, para assumir que outra escola e outra sociedade são possíveis.

Quer saber mais?

www.institutonatura.org.br
www.niase.ufscar.br